

# Assalto a Mambyili

Tempo, Maputo, no.681, 30 de  
Outubro de 1983, pág.23-26

# Com o povo no coração da vitória **2**

Texto e Fotos de JACINTO KHOSSA

«O ataque e assalto ao acampamento de Mambyili também tornou-se possível graças à participação activa da população» — disse um dos oficiais das FAM-FPLM responsável pela condução das manobras militares que culminaram com o assalto e ocupação daquilo que era considerado o acampamento central dos bandos armados, na Província de Inhambane.

A afirmação havia sido feita durante uma conversa a mena, quando nós comentávamos sobre aquilo que tínhamos constatado aquando da nossa estada em Mambyili. Não nos parecia oportuno transformar a nossa conversa numa entrevista, mas estávamos ciosos de saber como é que se tinha verificado essa participação, a ponto de a mesma ter contribuído para o sucesso da missão. Como se lesse os nossos pensamentos, o oficial começou por nos dizer que «o inimigo, em termos de vantagens tinha o controlo das principais vias de acesso a Tome e ele estava certo de que qualquer acção nossa visando atacar Mambyili, necessariamente tinha que vir do norte, quer partíssemos de Funhalouro, quer partíssemos de Mabote. O inimigo pensava ainda que um assalto a Mambyili só seria possível com o apoio da infantaria motorizada. Por isso, todo o seu sistema defensivo estava preparado para nos receber pelo norte. Nós sabíamos e deixámo-lo crer que assim seria e atacámos pelo sul.

## NO POVO BUSCAMOS A FORÇA

Se fôssemos utilizar viaturas de guerra, a operação seria afectada. Depois de termos posto de lado a utilização da infantaria motoriza-



«Esperavam ouvir o barulho dos carros, mas só ouviram o das nossas «AKMs» e era «arde mesmo» — Mário Sanduane Chirinda

da no ataque a Mambyili só nos restava uma saída: o recurso à experiência da Luta Armada de Libertação Nacional. Assim, daí em diante todos os planos foram feitos por forma a envolver a população na operação. Depois de mobilizadas as forças que iriam tomar parte nas manobras, a população foi chamada a tomar o seu lugar. Desde logo ela se prontificou a participar no transporte de material e mantimentos.

A simbiose Povo-FAM/FPLM-Povo, uma vez mais ia ditar o veredicto final. A clareza dos objectivos a alcançar naquela missão foi a fonte da força e determinação que lhe permitiu marchar centenas de quilómetros, debaixo do sol escaldante. A destruição daqueles que a soldo do regime de Pretória semeiam morte e miséria era a razão de ser da força que animava as centenas de camponeses participantes da

manobra. A moral das populações galvanizou-nos bastante. No dia 20 de Agosto partimos de Massinga a caminho de Vilanculo. Pelo caminho varremos alguns bandidos na zona de Buchane. Capturámos algumas armas e recuperámos um considerável número de cabeças de gado que haviam sido roubadas às populações locais. Em Cometela foi assinalada a presença de um outro acampamento. Dei ordens para uma força se dirigir ao local e desmantelá-lo. Assim foi. Prosseguimos com a nossa marcha até Papatane, onde acampámos. A população mantinha-se sempre firme.

No dia 22 saímos de Papatane com destino ao alvo principal: Mambyili. As 2 horas do dia 23 chegámos ao local onde devíamos instalar a artilharia pesada. Dei ordens para se tomarem medidas de protecção para o contingente

da população que nos apoiava. Dali em diante a coisa ia ser outra.

A forma especial como dissera a última frase fez-nos mudar de posições, como quem quer ouvir bem, algo que numa outra posição não chegaria com nitidez suficiente. «Dali em diante» começava de facto a parte mais difícil da missão. Muito se dizia daquele acampamento. As informações até então processadas eram de certa maneira alarmantes. O inimigo havia-as veiculado com um único objectivo: o de desinformar.

Como homem, o oficial que comandou as manobras de ataque a Mambyili, experimentou, também, aquela sensação humanamente concebível que assola qualquer comum mortal, em situações como aquela, em que em seu nome pessoal tinha que dar ordens e arcar com os resultados das mesmas. Quando estávamos a alguns quilómetros do objectivo capturámos um madjiba (informador-colaborador dos B. As.) o qual, no acto dos interrogatórios garantiu haver viaturas blindadas em Mambyili. Fiquei de certa maneira indeciso e interroguei-me se devia dar crédito àquela informação ou à do nosso reconhecimento. Decidi ignorá-la e o avanço prosseguiu. Mas cada vez que nos aproximávamos do alvo, um nó de temor invadia-me. A informação do madjiba estava a importunar-me. Se houvesse uma catástrofe seria responsável pessoal por ela. A nenhum dos meus comandantes tinha dado conhecimento daquela informação. Em todos eles só lia a determinação de prosseguir com a missão. As unidades respectivas também estavam possuídas de uma moral que quebrá-la com informações duvidosas seria um acto de alta traição. A tropa estava decidida a aniquilar os bandos armados. Não seria eu a dar ordem de paragem ou de recuo. Tínhamos armamento à altura. Mambyili tinha que ser assaltada e ocupada de acordo com os planos já concebidos.

Enquanto o oficial nos conta este episódio veio-me à mente uma frase que ouvi em Tome, de um diálogo entre dois soldados. Dizia um dos soldados que, durante o ataque a Mambyili, a ala onde se encontrava chovia tanta bala

do «tsanguito» que até chegou a pensar em recuar. O outro soldado em resposta perguntou ao primeiro soldado: **Querias recuar para onde? Se a partir do momento em que tens que disparar dentro do teu país contra alvos humanos é porque o inimigo pisa solo da tua Pátria. O que quer dizer que uma parte da Pátria está sob controlo do inimigo e o recuo amplia a área de ocupação** — esta conversa decorria na língua Tswá. Alheios à minha presença debaixo da sombra junto ao fontenário, o segundo soldado rematou — **E depois há-de recuar até quando? Até aonde? Eu — dizia ele — quando saio de uma**

cunvizinha ao acampamento foram interceptados dois bandidos que estavam a desertar dos B. As. Deram-me uma informação completamente diferente da que havia conseguido do madjiba que havíamos capturado. A informação deles desanuviou o meu estado de espírito. A informação que me deram correspondia àquilo que encontrámos após o assalto ao acampamento.

O nosso interlocutor é um homem calmo. Fala compassadamente. A sua voz, mesmo quando relata situações de tensão, não se altera. Nota-se nele o trilho de uma vontade férrea. Esta sua força de vontade encontra-se impreg-



Um bandido armado. Quantos desta idade não estarão a ser arrastados para cometer crimes contra as populações indefesas?

trincheira é para ir cavar outra mais à frente. Pensava nisto quando o oficial responsável pela condução do ataque e assalto ao acampamento de Mambyili dizia: **Então eu decidi em definitivo que a ter que acamparmos só o fariamos no coração do acampamento inimigo. Houvesse ou não viaturas blindadas, o acampamento tinha que ser assaltado e ocupado** — diz-nos o oficial com um sorriso que mais revelava quão pesada fora a decisão então tomada. Prosseguindo com a narração do que sentiu como comandante da manobra ele disse: **Já a alguns quilómetros da área cir-**

nada nos seus comandantes e unidades. É uma influência salutar que tornou os batalhões por ele comandados num verdadeiro flagelo dos bandos armados.

A nossa intenção era a de progredir até o mais perto possível. Contudo houve um imprevisto. O combate, contra a nossa vontade começou mais cedo, porque quando estávamos a cerca de dois quilómetros surpreendemos um grupo de bandidos que acabava de regressar de Gaza com gado roubado às populações. Os bandidos já tinham começado a esquarterar algumas dessas cabeças rou-

badas. Eram 6 horas quando entramos em combate com essa fracção dos B. As. As detonações alertaram o acampamento que veio em peso responder ao fogo. A confusão era geral. Eles não esperavam nenhum ataque daquele lado. Eu estava atento. A espera de a qualquer momento ouvir o troar dos canhões dos blindados, mas só ouvia o matraquear das armas ligeiras e semipesadas. Estava ainda na expectativa quando decorridos alguns minutos, pela rádio, veio a notícia que só se tornou verosímil quando pude comprová-lo «in loco». A mensagem provinha do nosso rádio e fora expedida a partir do centro do acampamento inimigo, por um dos meus comandantes. Dizia ele na sua mensagem: «Falo da baraca do comando do inimigo. Pode não se preocupar com as munições. Tomámos o paiol principal do inimigo. Aguardo-o dentro de instantes». — Estão a imaginar o estado emocional em que me encontrava depois de receber aquela mensagem?

Não respondemos. Fizemos esforço por situarmo-nos na sua contingência o que nos foi difícil, porquanto a vida nunca nos colocara em idênticas circunstâncias. Fizemos uma vaga ideia do que isso poderia ser. Olhámo-nos e sorrimos. Ele também sorriu e prosseguiu: Quando entrei no acampamento fiquei de certa maneira desiludido. Ele não diferia de tantos outros que já havia assaltado e ocupado. Tentei compreender a razão porque se fazia tanto barulho à sua volta. — Compreendeu e fez-nos compreender.

Mambyili era uma espécie de agência transitória com a missão de receber e despachar a «mercadoria» que na calada da noite era lançada de pára-quedas. Era, por isso, necessário que se desse ao acampamento a imagem de uma fortaleza severamente guarnecida, inexpugnável no dizer militar.

Esta imagem era veiculada pela imprensa imperialista, com despachos a partir da África do Sul e «confirmada» por alguns bandidos capturados pelas FAM-FPLM.



Alguns do material que foi possível capturar ainda intacto

A tática, como nos esclareceu aquele oficial, tinha por objectivo dar a entender que os bandos armados dispunham de uma organização militar muito elevada, sofisticada. Tratava-se de agitar a árvore para esconder a floresta. A floresta de medo. Desse medo que só fá-los corajosos perante cidadãos civis e indefesos. A cobardia é uma nota excelente nesta espécie de gente. Mas nós não nos intimidámos. A população não se intimidou e foi com alegria que saudou a vitória da qual também foi sujeito da acção.

#### O ASSALTO A MAMBYILI PELA BOCA DOS COMBATENTES

O assalto a Mambyili foi fácil porque contámos com o apoio da população no transporte do material. Não utilizámos nenhum carro de assalto. Quando chegámos estavam mesmo desprevenidos. Tinham as suas atenções viradas para a estrada. Esperavam ouvir o ruído dos carros, mas só ouviram o barulho das nossas AKMs e já era tarde mesmo — depoi-

mento de um dos nossos combatentes.

O inimigo depois de ter sido expulso do acampamento organizou ainda quatro contra-ataques, mas todos eles foram rechaçados. Apanhou de tal maneira que saiu de Tome sem que ninguém o fosse dizer para o fazer. Foi esconder-se na zona de Zivini, mas fomos lá e batêmo-lo. Fugiu para Pululu e de novo lá estávamos. Apanhou e tentou fugir em bloco, mas os nossos camaradas de Panda caíram-lhes em cima. Agora o que faz é só andar a assustar as populações.

Da zona onde eu me encontrava o combate começou numa machamba. Aqui encontrámos um grupo de curandeiros guarnecidos por uma secção de bandidos. Os curandeiros estavam a fazer protecção à base, com as suas rezas. Estavam tão entretidos que nem nos ouviram chegar. Agachei-me. Fiz pontaria com a minha bazuka e a roquete foi cair mesmo no centro da confusão. Curandeiros e bandidos voaram. Avançámos em direcção a um muro de muchém onde um grupo de bandidos difi-

cultava o avanço dos meus camaradas. De novo a minha bazuka abriu caminho. Espalhei o muro de muchém e os seus protegidos.

Eu fiquei bloqueado pelo fogo do inimigo —, não tinha hipóteses de abandonar o local onde estava para atingir um outro abrigo. Então veio uma secção de infantaria

em meu auxílio fazendo fogo de cobertura. A dado passo o bazuqueiro mandou recuar a secção e avançou sozinho sobre a linha do fogo inimigo. Placou e fez pontaria. O homem da peça que me estava a bloquear o avanço «voou». Mais adiante estava uma

boca de morteiro 82, com a qual os bandos armados bombardeavam as nossas posições. O bazuqueiro avançou. Tomou posição e fez fogo. A boca de morteiro silenciou. Sem uma única baixa da nossa ala avançámos e ocupámos o paiol central do inimigo. □